

Matéria Especial

9C

ÁGUAS DE TUCURUÍ PREJUDICAM POPULAÇÃO E EQUIPAMENTOS

Texto de Raimundo Pinto e Liana John da Agência Estado
Fotos: Arquivo/AE

Sete anos depois de a barragem de Tucuruí, no Pará, inundar cerca de 2.400 quilômetros quadrados de floresta amazônica para produzir, em sua fase final, oito milhões de quilowatts, alguns impactos ambientais não previstos ou subdimensionados vêm à tona. O excesso de matéria orgânica em decomposição na área inundada gerou gases mal cheirosos (entre eles o gás sulfídrico e o metano) e mudou o pH da água, que ficou mais ácida. Além do problema do abastecimento da população, rio abaixo, a água ácida está diminuindo a vida útil das turbinas, fabricadas para durar quinze anos. A Eletronorte, concessionária responsável pela usina, ainda não admite mas, nos bastidores da empresa, a expectativa de vida útil das turbinas já baixou para dez anos, tal a capacidade de corrosão da água podre.

Quando se decidiu fechar a barragem sem que a floresta tivesse sido retirada -- porque o dinheiro alocado para isso foi desviado pela empresa contratada, a Capemi -- já se sabia que as águas apodreceriam. O detalhe que escapou aos técnicos é que isso tudo afetaria a qualidade da água abaixo da barragem e não acima, no lago propriamente dito. Segundo um ex-funcionário do controle de qualidade da água da Eletronorte, hoje as cidades e os agricultores ribeirinhos do Tocantins, abaixo da barragem, estão impedidos de usar a água do rio para beber.

Ao contrário do que se imaginava, no leito principal do rio e na superfície do lago as águas mantêm boa qualidade. É no fundo, onde estão os restos de floresta morta, que se concentra o problema. Ali ficam retidos os gases resultantes da decomposição e a matéria orgânica responsável pela acidificação da água. Esses gases e a água ácida só emergem ao passar pelas turbinas e pelos vertedouros, onde as águas do fundo são misturadas com as da superfície e lançadas com imensa força de volta ao leito do rio.

Plantas aquáticas

Nas margens da represa, os problemas são causados por outro tipo de desequilíbrio ecológico. Uma grande quantidade de sedimentos em suspensão entra no lago pelo Rio Tocantins e torna as águas turvas e excessivamente nutritivas. "Os sedimentos vêm da erosão associada aos assentamentos agrícolas e aos projetos de colonização junto à rodovia BR-230, que passa pela margem esquerda do lago", explica Evelyn Moraes Novo, do Instituto Nacional de Pesquisas Especiais (Inpe).